dezembro/2020

Revista Verlidelas

edição nº 06

VERLIDELAS

Literatura INFANTIL
Uma história de **NATAL**

entrevista:
Maria Elisa S. Ribeiro

dezembro/2020

Sumário

ENTREVISTA ... 03
Maria Elisa S. Ribeiro

CONTO ... 11
Um Novo Dia
Juliana Peres

INFANTIL ... 18
A Árvore de Papai Noel
Noélia Barreto Bartilotti

POESIAS ... 22
Consuelo Pagani

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Foto da capa:
•José Alberto Ganimi Nejaim

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Ufa! E 2020 está chegando ao fim! Como todos sabemos, foi um ano difícil, no qual precisamos aprender a viver de uma maneira só vista na ficção. Torçamos para que uma vacina chegue logo e nos liberte dessa estranha realidade. Mas este ano também nos proporcionou ensinamentos. Aprendemos a dar mais valor à cultura, excelente companheira em momentos sombrios. Vimos que livros, filmes, músicas e artes em geral são de imensa importância para qualquer pessoa, seja como entretenimento, seja como alimento para a alma. Além disso, o tempo livre nos abriu os olhos para a beleza ofertada todos os dias pela natureza. Que delícia é ler sob um lindo céu azul, ou em meio à doce melancolia de um dia cinzento, ou escutando a melodia de um passarinho e o farfalhar das árvores. Ficamos felizes ao ver que a Verlidelas somou nesse prazeroso universo da leitura, lançando novos livros e sua própria revista. Nesta sexta edição, ela traz um bate-papo descontraído com Maria Elisa S. Ribeiro, que acaba de lançar o livro "A Segunda Natureza". Na sequência, um conto que valoriza o amor e a diversidade, uma cativante história infantil de Natal e poesias inspiradoras. Belos presentes que reservamos aos leitores. Encerramos o ano agradecendo aos nossos autores, aos parceiros e, especialmente, ao público, desejando a todos força redobrada e um 2021 iluminado. Feliz Natal e um próspero ano novo realmente novo!

Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:

Alegria de Viver e Amar o que é bom
Conheça

LiteraGindo leitura inclusiva
Conheça

Refúgio Literário
Conheça

Vau Brevelhieri
Conheça

POR SERGIO CARMACH

Maria ELISA S. Ribeiro

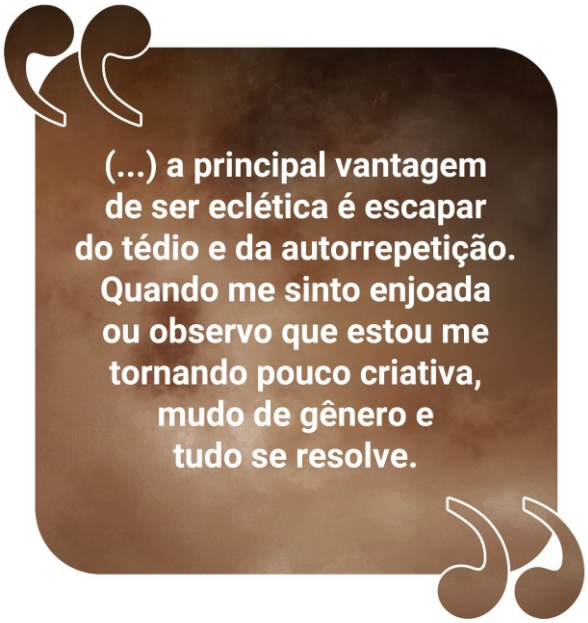
FOTOS:
JOSÉ ALBERTO
GANIMI NEJAIM

Autora de contos, poemas e peças de teatro, foi finalista no Prêmio Funarte de Dramaturgia em 2018, além de ter sido premiada no 36º Concurso Literário Yoshio Takemoto e no 1º Festival de Brasília de Poesia. Em um bate-papo descontraído, Maria Elisa fala da sua trajetória e do livro de contos "A Segunda Natureza", que acaba de ser lançado pela Verlidelas

Fale um pouco de você e sobre como se tornou escritora.

Fui daquelas crianças encantadas com a leitura. Tínhamos uma enciclopédia com contos infantis em casa, provavelmente meu primeiro contato com narrativas ficcionais. Mais tarde, na escola pública em que estudava, uma certa professora que se autodenominava "bibliotecária" foi muito importante para mim. Ela ia às salas de aula e convidava os alunos a participar de uma espécie de clube de leitura, embora sem esse nome. Não me recordo se todos líamos livros iguais – não creio que a escola tivesse muitos exemplares de um mesmo título, o mais provável é que cada participante lesse um diferente – mas me lembro bem de nos reunirmos periodicamente para comentar em grupo, orientados por nossa querida professora bibliotecária, as leituras que havíamos feito. Eu era bem jovenzinha, uns sete ou oito anos talvez. Sou imensamente grata a ela, a quem devo o gosto por bibliotecas que me acompanha até hoje. Daí em diante, meu interesse pela leitura nunca mais parou. Logicamente, sendo leitora contumaz, meus textos acabavam se destacando nas classes de redação e tal, mas, ainda assim, nunca me aventurava na escrita além das obrigações escolares, pois meu interesse verdadeiro estava na matemática, na química e na física. O primeiro texto ficcional que escrevi foi um conto, já

na minha terceira década de vida. Estava residindo por um tempo em Orlando, na Flórida, para onde me mudara acompanhando o marido. Soube de um concurso literário promovido por uma revista local que recompensava o autor do melhor conto com um prêmio extraordinário: passagens para Miami, diárias de hotel e carro alugado por uma semana. Escrevi e enviei meu texto, obviamente sem grande expectativa. No entanto, para a minha surpresa, meu texto foi o escolhido. Depois desse episódio, comecei a produzir contos, mas de forma esparsa, pois trabalhava bastante e, no tempo livre, escrevia de maneira criteriosa e lenta. Mesmo assim, segui ganhando alguns prêmios, o que foi renovando meu gosto pela literatura e alimentando minha autoconfiança. Só comecei a me dedicar mais regularmente à escrita em 2015, a princípio escrevendo apenas contos. Mais adiante, me arrisquei na dramaturgia. Em 2017, escrevi minha primeira obra nessa área, que foi selecionada como finalista no prêmio Funarte do mesmo ano. Na época, já me aventurava timidamente pela poesia, gênero ao qual me dedico atualmente com enorme prazer.



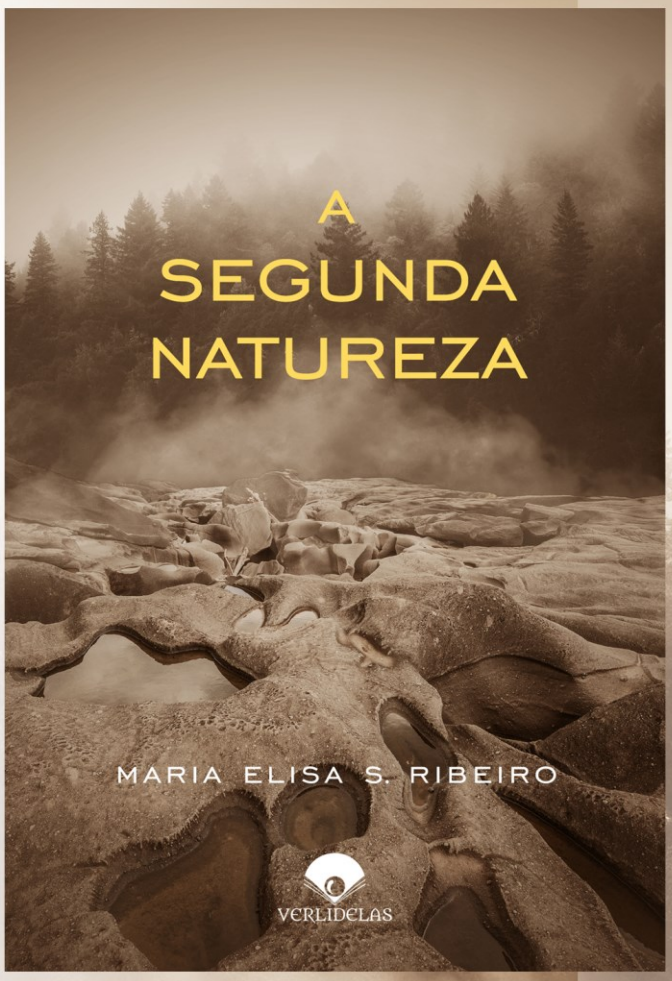
Você já recebeu prêmios como contista, poeta, dramaturga... Esse ecletismo foi uma busca ou nasceu de forma natural?

Eu diria que aconteceu de forma natural. Os contos vieram primeiro provavelmente por comporem um gênero familiar para mim como leitora. Sempre gostei de narrativas curtas. Muitos dos meus autores clássicos prediletos – Machado, Nabokov, Cortázar, Borges – são magníficos contistas. A dramaturgia aconteceu a partir do estímulo de um grande amigo, que enxergou potencial dramatúrgico em um conto meu e me incentivou a prosseguir. Eu já havia lido alguma coisa nessa linha – textos clássicos, Nelson Rodrigues – de modo que o gênero já me era minimamente familiar, ao menos como leitora. Pesquisei algumas coisas mais contemporâneas na época e meu primeiro texto acabou me surpreendendo com a boa recepção em um concurso literário. Atualmente, tenho em andamento um projeto de escrita dramatúrgica a quatro mãos com esse mesmo amigo. A poesia foi um gênero que entrou bem tardiamente na minha vida de leitora. Comecei a escrever meio que experimentando, mimetizando autores que me caíam nas mãos. Depois de ganhar um prêmio interessante em Brasília, comecei a acreditar mais no valor do que produzia. Hoje em dia, leio poesia quase todos os dias. Como escritora, é o gênero em que descanso. Penso que a principal vantagem de ser eclética é escapar do tédio e da autorrepetição. Quando me sinto enjoada ou observo que estou me tornando pouco criativa, mudo de gênero e tudo se resolve. Algumas vezes, percebo que a mudança também funciona como um antídoto para o bloqueio na escrita.

Outra característica marcante em você é o perfeccionismo. Ele afeta a sua produção de forma mais positiva ou negativa?

Infelizmente, tenho de admitir que o perfeccionismo afeta de forma mais negativa a minha produção. Ainda preciso aprender o momento certo de parar, o momento em que as alterações já não aperfeiçoam a obra, podendo até piorá-la. Penso

que o processo de produção do livro "A Segunda Natureza" reforçou em mim a necessidade de controlar a compulsão perfeccionista – reescritas sobre reescritas – que me acomete diante dos meus textos. O perfeccionismo também tem outro efeito colateral: criar uma espécie de hiperfoco em alguns aspectos em detrimento de outros. Por exemplo, às vezes me concentro tanto na escolha das palavras perfeitas, que acabo esquecendo de revisar crases, pontuação... Isso passa uma péssima impressão ao primeiro leitor ou ao editor, impressão essa capaz de ofuscar o brilhantismo pretendido com a escolha das palavras. Como remédio, tenho me policiado e evitado as reescritas durante a produção de um texto, dedicando-me a elas apenas nas revisões da história finalizada. Pelo que tenho observado, essa estratégia também melhorou consideravelmente minha produtividade, pois me força a uma escrita mais rápida.



O livro "A Segunda Natureza" é ao mesmo tempo sensível e pesado. Fale-nos um pouco sobre os contos dessa coletânea.

A mistura de temas pesados com uma abordagem sensível é parte do meu estilo, algo que faço inconscientemente, que acontece naturalmente em minha escrita. "A Segunda Natureza" traz doze contos selecionados dentre os textos que produzi nos últimos três anos, sendo "Curumim" o mais antigo e "Faca de Prata" o mais recente. O que confere unidade ao conjunto é a presença do elemento sobrenatural em todas as narrativas aliado à intenção de produzir um efeito de estranhamento no leitor. Embora o enredo da maioria dos contos referencie temas tradicionais do gênero terror, porém em ambientação urbana e contemporânea, acredito que a atmosfera predominante nas narrativas seja mais de estranheza e mistério do que de

medo propriamente, o que confere certa leveza às tramas. Algumas histórias abordam questões sociais, outras trazem elementos de cultura popular, num exercício – confesso – de conferir sotaque brasileiro a situações comuns no terror, como a metamorfose, que surge em alguns contos do livro. Outros assuntos interessantes tratados em "A Segunda Natureza" são a velhice – as perdas e o temor inspirados por essa fase da vida – e os conflitos inerentes às relações familiares, nunca tão amorosas como as idealizamos. Mas é preciso ressaltar que esses temas surgem de forma enviesada nos contos – como um pano de fundo, um subtexto, ou como a segunda natureza mencionada no título do livro – às vezes em paralelo à trama central.

Como é seu processo criativo?

No caso dos contos mais longos, muitas vezes escrevo a partir de uma provocação, que pode ser um desafio literário ou um tema proposto por algum amigo. Em geral, a história nasce de uma premissa ou de uma cena, sem eu ter uma ideia clara de como ela se resolverá. No caso dos contos mais curtos, frequentemente ocorre o oposto: a história surge a partir do desfecho. Na composição de poemas, o processo que mais se repete começa com a percepção de algo que carrega um potencial poético, seja a partir de alguma leitura ou fato, seguida de uma anotação rápida no celular – às vezes um ou mais versos, outras vezes apenas uma ideia. Às anotações iniciais podem ou não juntar-se outras até o momento de me sentar na frente do computador para tentar transformar tudo em um poema com sentido e apelo estético. Também participo de grupos e desenvolvo diálogos com amigos poetas que me provocam, mas o processo de formação de um poema é quase sempre o descrito acima. Há ocasiões em que a poesia nasce pronta, mas isso é muito raro.

Você participa de grupos dedicados à produção literária. De que forma essa interação com outros autores influencia seus textos?

Participo de alguns grupos. O principal e mais ativo atualmente chama-se As Contistas, um grupo de mulheres escritoras espalhadas pelo Brasil e Portugal. Temos um *blog* e um canal no YouTube bem atuantes, além de perfis no Facebook e Instagram, nos quais divulgamos nossos trabalhos e os de eventuais autores convidados. Também participo com considerável assiduidade do

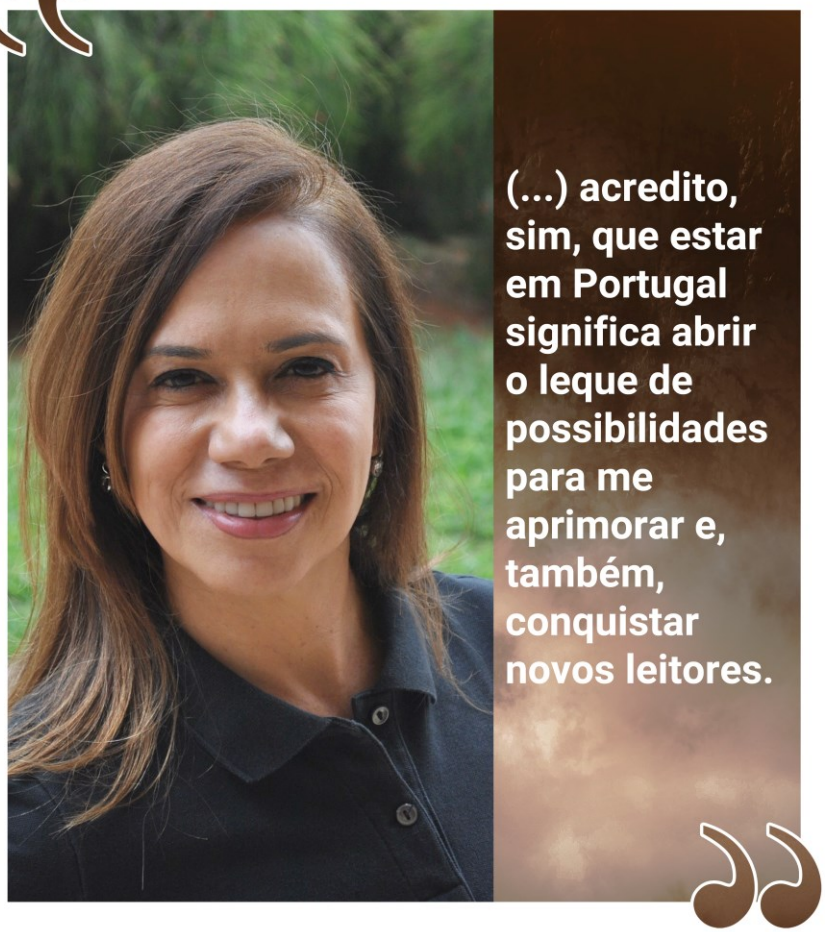
EntreContos, um espaço que promove desafios literários nos quais os textos publicados sob anonimato são lidos e comentados criticamente por todos os participantes. Nesses *blogs*, além da necessidade de se cumprir prazos e temas, compromissos que acabam funcionando como motivação para a escrita, temos o *feedback* imparcial, uma espécie de termômetro que mede a receptividade de cada texto, permitindo ao autor saber se o efeito pretendido com determinado conto foi alcançado ou não, e daí escolher se aprimora a história ou a abandona para sempre. Nesses ambientes, há uma ampliação da minha rede de influências. Assim, além de estar sempre fazendo novas e valiosas amizades, aprimoro a escrita.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

Sou uma leitora bem convencional. Muito apegada aos clássicos, sempre volto a eles. A grande maioria dos meus queridinhos está no passado, muitos no século XIX. Entre os brasileiros, meus preferidos não poderiam ser mais tradicionais: Machado de Assis na prosa, João Cabral de Melo Neto na poesia e Nelson Rodrigues na dramaturgia. Entre os estrangeiros, retorno com frequência aos contos do Gabriel García Márquez, aos romances do Vargas Llosa, às atmosferas e personagens do Henry James, à emoção do Victor Hugo, só para citar alguns dos meus autores prediletos. Quanto aos livros, tenho na minha vida a obra das obras, que não é a Bíblia. Posso dizer que meu título preferido de todos os tempos é "O Retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde. Eu o li pela primeira vez na adolescência, e desde então perdi a conta de quantas vezes o reli.

Você vê sua mudança para Portugal como uma oportunidade de alçar novos voos?

Embora ainda não tenha feito nenhum movimento concreto para tal, acredito, sim, que estar em Portugal significa abrir o leque de possibilidades para me aprimorar e, também, conquistar novos leitores. Por enquanto, meu único plano, ainda incipiente, é fazer cursos na área de escrita criativa. Seria um plano para o segundo semestre de 2020, mas teve de ser adiado para 2021 em consequência das estranhas contingências desse ano atípico que estamos vivendo.



Tem projetos literários em andamento?

Estou reunindo e selecionando poemas colecionados ao longo dos últimos anos para publicá-los em um volume no próximo ano. Não está sendo fácil encontrar uma estratégia que unifique minha produção, mas tenho certeza de que vou conseguir. Também sigo desenvolvendo um projeto dramatúrgico, já bem adiantado, em parceria com um amigo de Brasília, conforme falei mais acima. Por fim, estou planejando um romance que pretendo escrever em 2021. ■

Trechos de contos de “A Segunda Natureza”

“Miguel, ainda completamente imóvel, tremia e suava exalando um cheiro azedo de medo. Já quase emersa do transe, em vez de cravar o punhal no seu peito, Sabrina cortou-lhe um pedaço mínimo da orelha e provou. Achou o gosto ruim, sabor de carne de gente fraca e covarde. Pulou fora da cama e jogou um vestido folgado sobre a camisola. Olhou o relógio, ainda não eram dez da noite, calçou uma sandália. Com sorte ainda conseguiria que lhe servissem no restaurante uma costelinha grelhada de porco.”

(“Carne Fraca”)

“Além da estrela e do gosto de seu sangue na boca, restou-lhe do menino também, junto com o cinza dos olhos herdado, a última imagem vista pelo pequeno antes de sua vida escapar. O rosto inexpressivo de seu assassino, espécie de instantâneo gravada em sua memória, sem hipótese de ser apagado.”

(“Sensitu”)

“Pouco antes das quatro da manhã haviam despertado juntos, os dois com o mesmo sonho. Acenderam a luz sobressaltados, tentativa de espantá-lo, não por ser assustador, mas por ser bizarro.

No sonho, uma espiral de luz que ia do chão ao teto do quarto espalhava um perfume de lavanda pela casa. Fora a intensidade do cheiro que os acordara.

Primeiro ficaram perplexos com a coincidência do sonho, depois riram admirados por terem uma conexão também quando estavam dormindo.”

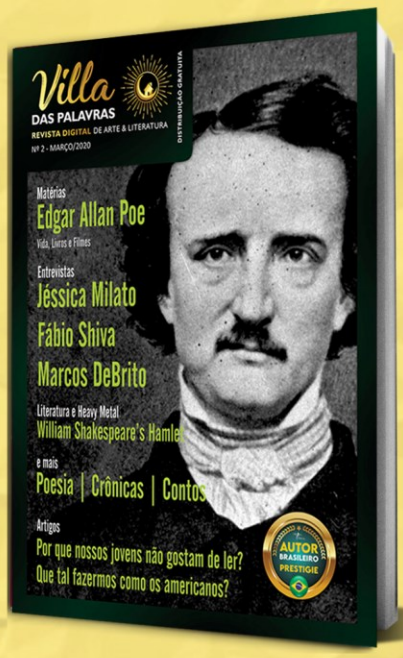
(“Abraço de Natal”)

se você gosta de
revistas literárias...

conexão
Literatura

Visite:
http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/

Villa
DAS PALAVRAS
REVISTA DIGITAL DE ARTE & LITERATURA



Visite:
https://www.adrianovilla.com.br/

Conto

Um Novo Dia

Juliana Peres

É MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA e Cecília acorda sobressaltada. Ela se mudou há pouco tempo para uma nova cidade, que é, na verdade, uma antiga conhecida. Foi para lá uma única vez, na primeira viagem que fez com Carol. Porém, mesmo em uma casa nova, em uma cidade nova, em uma cama nova e prestes a começar em um emprego novo, ela acorda atrasada, o que não é nada novo. Como em qualquer dia, ela acaba por abusar da função "soneca" do despertador. Mas hoje não é um dia qualquer.

Ela solta o travesseiro com o qual ainda estava abraçada e levanta-se de uma só vez, apressada. Fica ansiosa ao perceber que não daria tempo de cumprir todo o planejado para aquele dia especial. Aquele *tinha* de ser um dia especial. Fazia tempo que ela procurava um emprego que lhe oferecesse outras perspectivas, uma nova vida em um novo lugar. Foi uma surpresa quando recebeu aquele telefonema uma semana antes, já cansada e se perguntando o que iria fazer da vida. Assim que desligou o telefone, após dizer um sonoro "sim", a primeira pessoa em quem pensou foi Carol, a única que sabia desse sonho cultivado desde aquela viagem. Ela a apoiava, incentivava, torcia sempre por seu sucesso; e com ela havia se acostumado a compartilhar as vitórias e os fracassos da vida. Cecília, em um impulso, quis telefonar ou mandar uma mensagem para contar a novidade. Mas não era possível. Em vez disso, pegou o celular e ligou para a sua mãe. Aquele dia *precisava* ser especial. Afinal, sua vida parecia estar finalmente voltando a caminhar.

Cecília revira o armário para achar a roupa perfeita, imaginando que seria uma tarefa rápida e fácil. Ela já deveria ter aprendido, nessa altura da vida, que o tempo não funciona da maneira como ela gostaria e sempre lhe prega peças. "Será que esta é muito despojada? Muito social? Essa tem cara de profissional? Essa é muito decotada? E essa estampa? É muito infantil?" Com uma passada de olhos pelo relógio na parede, percebe já ter gasto muitos minutos além do que deveria. Ela então pega um vestido no fundo do armário, que nunca usou, e se pergunta se ele ainda lhe serve, lembrando-se de quando o ganhou.

Era seu aniversário. Ela e Carol haviam saído para comemorar, fazendo uma das coisas que Cecília mais gostava: ir ao cinema. No caminho, Carol precisou ir à farmácia e ela ficou esperando na calçada. Foi quando o viu na vitrine ao lado. Carol, já de volta, percebeu que a outra sequer piscava e a chamou. "Vamos, Ceci? Ou vou ter que comer o balde todo sozinha?", disse sorrindo, pois sabia que pipoca era o ponto fraco de Cecília.

Durante a sessão, Carol quis ir ao banheiro. Cecília não entendia como alguém podia abandonar um filme assim antes do fim. "Espere só mais um pouquinho. Já vai acabar." Mas Carol garantiu que tinha urgência. Voltou depois de algum tempo, sentou-se em seu lugar e, assim que terminou o filme, tirou um embrulho de dentro da bolsa. "Um feliz aniversário para a melhor pessoa que existe neste mundo!", disse Carol. Cecília, surpresa e feliz, abraçou-a e agradeceu por tudo o que ela sempre fazia para agradá-la.

Cecília exclama: "É esse!" Perna para cá, braço para lá. Nunca imaginou que fosse capaz de se arrumar tão rapidamente. Mas ao se olhar no espelho percebe que seu cabelo não está nada como gostaria. Não teria tempo de lavá-lo ou ajeitá-lo. Pensa em Carol, que sem demora daria um jeito na situação com algum de seus penteados magníficos. Mas ela não está ali. Então, apenas prende o cabelo em um clássico rabo de cavalo.

Assim que termina de se aprontar, ouve um barulho estranho. É seu estômago lembrando a falta do café da manhã. "Agora não dá, desculpa. A gente vê algo pelo caminho." Cecília pega a bolsa e as chaves e sai.

Ela ainda não andou pela cidade desde a mudança e não conhece bons lugares para comer. Então se lembra da confeitaria onde tomava café com Carol durante a viagem. Fica bem em frente ao hotel em que se hospedaram. Por sorte, bem próxima também do endereço de seu novo emprego. Aliás, foi em um dos passeios com Carol até a confeitaria que ela conheceu aquele lugar, se apaixonou e prometeu para si um dia trabalhar ali.

Caminhando, Cecília percebe o quanto tem pensado em Carol, apesar de julgar não fazer mais isso, pelo menos não com tanta frequência. "Talvez seja a cidade trazendo essas lembranças. Logo passa", imagina.

Ela olha o mapa pelo celular, mira a confeitaria à sua frente e sorri de felicidade por tê-la encontrado. "Está como eu lembrava! Espero que o suco de laranja continue maravilhoso como antigamente!" Ao se aproximar da porta de vidro, porém, fica imóvel. Uma moça na fila, a poucos metros de distância, chega ao caixa para fazer seu pedido. Cecília parece estar vendo um fantasma. "Talvez, por ter pensado muito nela, esteja tendo alucinações..." É Carol! A *sua* Carol! Cecília pode ter esquecido muitas coisas ao longo da vida, mas aquele sorriso... Jamais seria capaz de esquecê-lo. Por muitas manhãs, era o que via primeiro e o que lhe dava vontade de acordar.

Carol está diferente, com o cabelo curto e roupas mais elegantes. Também traz uma tatuagem no braço direito, que não existia anos atrás. E o pedido? Não é o mesmo sonho de creme que elas faziam questão de dividir todos os dias daquela viagem. "Como ela mudou! O que estará fazendo aqui? O que mais terá mudado em sua vida?"

Cecília repara na confeitaria. Na verdade, também está diferente, e não exatamente igual conforme tinha imaginado inicialmente. Mas era de se esperar que, depois de alguns anos, algo mudasse ou sua memória falhasse. "Parece que fizeram uma reforma. Que pena, eu gostava de como era antes. Parecia mais aconchegante. Essa iluminação, essas cores... Parecem excessivas... Por que as coisas boas também precisam mudar?" No momento em que pensa isso, volta os olhos para Carol. Ela já havia se sentado em uma mesa, acompanhada de outra mulher. "Quem será ela? Uma amiga? Uma colega de trabalho? Sua nova namorada? Será que a apresentou à família como tal? Como será que se conheceram?" Cecília se censura: "Isso não importa!" Ela observa o jeito de Carol ao comer e conversar com a mulher à sua frente.

Muitos trejeitos continuam lá, outros, no entanto, são novos, o que deixa Cecília pensativa.

"Será que devo cumprimentá-la? Não, melhor não. Ela está acompanhada, pode ser constrangedor. E o que eu diria a ela depois de tanto tempo? Acho que nem nos conhecemos mais. Ela parece diferente. E eu..., tão igual. Parece feliz, e está tão mais..., tão mais mulher. Sobre o que falaríamos? Esses anos todos não melhoraram minha incapacidade para puxar assunto. Mas será que ela ainda pensa em mim? Que também abraça o travesseiro vez ou outra imaginando ser eu? Será que cheira as roupas que esqueci na casa dela só para se sentir um pouco mais próxima de mim, do mesmo modo que eu? Não. Claro que não. Nem deve lembrar que existo. Afinal, foi ela quem disse que não queria mais me ver. Sou um capítulo que provavelmente fez questão de apagar..."

Uma senhora esbarra em Cecília ainda parada na porta da confeitaria. "Com licença, mocinha", ela diz. E a jovem sai de seu transe. Olha mais uma vez para a antiga companheira e decide ir embora. Aquela não era mais sua Carol, afinal. Ela se senta por um momento num banco da praça em frente à confeitaria e sua mente borbulha com a quantidade de lembranças e sentimentos, que ela nem sabia estarem lá. Ou sabia?

Era uma sexta-feira quando, exausta após mais uma semana de trabalho, aceitou sair com seus colegas depois do expediente. Foram a um bar, onde Cecília viu uma mulher lindíssima. Ela estava sentada sozinha à mesa ao lado e parecia esperar por alguém. Cecília não conseguia desviar o olhar e precisou disfarçar quando a outra percebeu. Passaram-se muitos minutos e a mulher continuou sozinha, até que se levantou para ir ao banheiro. Curiosa, Cecília foi atrás e esperou diante da pia. Fingiu lavar as mãos ao notar a porta da cabine se abrindo. A desconhecida, sorrindo, encarou Cecília pelo reflexo do espelho e falou: "Muito bom gosto você tem. Aquele é o melhor prato que servem aqui." Cecília virou e se apresentou. "Carol, prazer", a outra respondeu. Após uma breve conversa, as duas foram juntas para a mesa de Cecília e seus amigos. Desde então, tornaram-se inseparáveis. Pelo menos por um tempo.

"Será que você ainda se lembra das desculpas que dávamos às pessoas para ficarmos sozinhas? Das besteiras que falávamos ou dos filmes que assistíamos como se não houvesse amanhã? E se lembra dos almoços com sua família, quando eu segurava sua mão por debaixo da mesa porque eu sabia o quanto era difícil para você? Lembra que você dizia que meu colo era seu lar? Das viagens que fizemos? E de como comemorou quando decidi largar aquele emprego que me fazia mal, dizendo que daríamos um jeito, juntas? Passamos por tantas coisas e só nós sabemos. Construímos um mundo muito bonito, um mundo só nosso. Mas um mundo que ainda era parcialmente escondido, e acho que, por isso, frágil. Quando ele começou a ruir? É isso, pensar em nossa relação agora é como olhar para uma ruína. Algo que já não existe mais como antigamente, mas que ainda guarda grande beleza. As ruínas têm essa

capacidade, elas são um belo lembrete de que tudo passa e de que o fim chega para todas as coisas. E ainda mais belo é pensar nas flores e plantas, na vida que brota por entre as fissuras daquele passado. Há sempre algo bonito que pode nascer de um final. Uma ruína, é o que somos agora. Você não conseguiu viver em nosso mundo, mas será que ao menos tem coragem, como eu, de visitar essas ruínas às vezes, Carol?"

Uma mensagem faz Cecília despertar das reflexões. É seu novo chefe. Ela tinha perdido a noção do tempo ao ficar pensando nele, no tempo que não volta. De imediato, corre em direção ao seu novo trabalho. "Foi só uma incrível coincidência. Nunca mais a verei de novo, como é para ser. Esta cidade é muito grande. Só preciso evitar a confeitaria e seguir minha vida."

Um homem a recebe, preocupado. Cecília diz ter se atrapalhado com o trânsito da nova cidade. Todos são muito receptivos, e ela percebe que há uma pequena embalagem em cima de sua nova mesa. Sente que aquele lugar, naquele momento, é exatamente onde deveria estar. Onde mais seria recebida daquela forma?

Assim que se senta, recebe uma mensagem: "*Hoje lembrei de você! Vi uma moça muito parecida mais cedo. Estava comprando meu café naquela confeitaria que adoramos e por um segundo jurei ter visto você passando, já de costas. Mas o cabelo era mais loiro e ela usava saltos. Acho que nunca imaginaria você pintando o cabelo ou usando saltos, hahaha. Ah, falando na confeitaria... Eles reformaram aquele lugar, você teria odiado e reclamado todo o tempo, haha.*" Cecília sente o coração parar por alguns segundos. "Ela ainda se lembra de mim. Ela ainda tem meu telefone", pensa.

Enquanto relê, com olhos arregalados, a mensagem inesperada, seu chefe começa a falar, e ela acena com a cabeça, tentando disfarçar o fato de não ter ouvido absolutamente nada do que ele disse. E quando o chefe prossegue dizendo "Se precisar de qualquer coisa é só falar com a...", ela recebe outra mensagem: "*PS.: Esse vestido ficou muito bem mesmo em você.*" Cecília levanta-se de sua cadeira à procura de... "Carol", diz seu chefe, concluindo a frase. Ela olha alguns metros adiante e a vê acenando, com um grande sorriso nos lábios e apontando para um pacote em cima da mesa. Cecília abre e encontra um sonho de creme. E, dentro da embalagem, uma mensagem: "*Há sonhos que sempre dividirei somente com você. Prazer, Carol.*"

Quando Cecília acordou, queria que este fosse um dia especial, queria algo novo. Mal sabia que aquilo de mais especial em sua vida brotaria hoje novamente. A jovem nem acredita, mas tudo de repente faz todo o sentido. Não houve nenhuma coincidência. "Ela não mudou nadinha!", pensa sorrindo enquanto olha para o sonho que estão prestes a dividir.

■ ■ ■

JULIANA PERES

Arquiteta e urbanista por formação e escritora de coração. Apaixonada por histórias e poesia, acredita que as cidades, com suas histórias entrecruzadas, também estejam sendo constantemente escritas no espaço, possibilitando diversas leituras e sensações. Aprecia as boas composições e as entrelinhas dos textos, e considera mágico quando algo desperta o seu sentir. Desde pequena utiliza a escrita como forma de expressão. Ao escrever, quando sozinha encontrava sua própria companhia; quando triste era tomada de alegria; quando confusa se (re)conhecia. E assim segue até hoje, buscando poesia na vida e nas pequenas coisas do dia a dia. Participou da antologia "Histórias do Cotidiano" (Verlidelas), livro do qual foi tirado o conto "Um Novo Dia".

"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

Confira online

Apoio: Verlidelas Editora

Conheça a antologia **"Cura Poética"**

delirium lircus

PÍLULAS LÍRICAS DE VIDA E MORTE

Ana Rita Santos
Antonio Carlos Lopes Petean
Artur Pires Custódio
B. H. M. Schmitke
Beth Lucchesi
Cícero Christófaro
Claudia Roberta Angst
Consuelo Pagani
Cristina Sobral
Dani Raphael
Daniel Gomez
Daniely Araujo
Dilu Machado
Edson Ricardo Paiva
Eliara Sandim
Ezequiel Henrique
Fernando de Oliveira
Francine Rossini
Gaurav Dhyan
Hyanna da Cunha
Inês Carolina Rilho
Ivanildo Batista Chaves
Jaqueline Rosa
Jeovania P.

João Fernando Gouveia
Lara Mangieri
Leandro de Souza
Lenise M. Resende
Lis Souto Maior
Maria Helena Azevedo
Marisa Pontes
Nanci Otoni
Natâni da Silva
Neuza de Brito Carneiro
Nilton Silveira
Odenir Follador
Pedrina Castro
Ricardo Dardes
Rita Pinheiro
Rosely Frazão
Rozz Messias
Sonia Regina Villarinho
Tássio Revelat
Vaneide Luz
Vicki Falcetta
VivAlma
William Ribeiro

Infantil

A árvore de Papai Noel

Noélia Barreto Bartilotti

Ilustrações:
Ronald Teixeira Martins

“Noélia Barreto Bartilotti costuma dizer: “Doce é conviver com crianças. Com elas, nunca deixamos de sonhar!” E é sempre impressionante ver a capacidade da escritora de se fazer criança para contar suas encantadoras histórias infantis. Uma das características mais admiráveis de Noélia é saber deixar espaço para a imaginação de seus pequenos leitores. **“A Árvore de Papai Noel”** é uma bela demonstração dessa habilidade. Nas páginas seguintes, o leitor da revista Verlidelas pode desfrutar o texto desse livro na íntegra.”

Fabio Shiva

Era uma vez uma árvore de Natal muito bonita e grande. Ela vivia cheia de cartinhas penduradas em seus galhos. Parecia que não havia lugar para mais nenhuma. Mas, todos os dias antes do Natal, seu dono sempre encontrava um jeito de colocar outra.

Na árvore de Papai Noel, moravam três duendes pequeninos e brincalhões. Mas um deles era ciumento e invejoso. Seu chapéu ficava sempre torto devido aos cabelos espetados. Ele se chamava Cristófo. Os outros dois eram Zenóbio, o mais brincalhão, e Zebrino, que gostava de pegar o chapéu de Cristófo e sair pulando de galho em galho. E assim passavam o dia brincando na árvore.

Eles adoravam brincar de esconde-esconde dentro das cartinhas. Cada vez que uma nova chegava, eles comemoravam. Entravam nos envelopes para saber quais eram os pedidos das crianças. Cristófo, muito invejoso, tentava escondê-las.

Na véspera de Natal, Papai Noel sentava em sua poltrona ao lado da árvore, pegava as cartinhas, lia uma por uma e colocava os presentes pedidos em seu trenó. Os duendes pulavam em volta. Às vezes os três caíam da árvore, e era um trabalho danado para subirem novamente.

Ao amanhecer, já não havia mais nenhuma cartinha pendurada.

Mas Papai Noel não sabia que tinha deixado de ler uma delas. Ele achou que o trenó estava arrumado com os presentes de todas as crianças e foi descansar até a hora de distribuí-los.

Papai Noel não leu aquela cartinha porque Cristófo havia ficado com ela para escondê-la. Era de Zezinho, que tinha escrito assim o seu pedido:

"Querido Papai Noel, eu fico pensando como cabem tantos presentes em seu trenó. A mamãe me disse que o senhor é mágico e gosta de fazer as crianças felizes. Deve ser muito bom viajar assim por todos os lugares. Se algum dia precisar de ajuda para distribuir os presentes, pode me chamar."

"Sabe, Papai Noel, eu adoro futebol, torço pelo mesmo time do meu pai e gostaria muito de ganhar uma bola oficial, de couro. Jogo quase todos os dias na escola.

Minha professora diz que sou ótimo com a bola. Por isso eu queria muito ganhar esse presente.

Olhe, vou ficar esperando! Não esqueça! Vou deixar meu sapato perto da cama para o senhor colocar a bola bem ao lado. Boa noite, Papai Noel!"

No Polo Norte, o bom velhinho dormia em sua cadeira. E aquela cartinha continuava no chão, esquecida.

Os três duendes não paravam de brigar. Estava a maior confusão. Zenóbio e Zebrino descobriram que Cristófo tinha escondido uma cartinha e tentaram avisar Papai Noel. Pularam na cabeça do bom velhinho, mexeram no nariz dele, gritaram em seus ouvidos, mas Papai Noel continuava dormindo, roncando.

Quando a noite chegou, Papai Noel acordou para entregar os presentes. Zenóbio viu o bom velhinho saindo e tentou mais uma vez falar com ele sobre a carta desaparecida, mas era tarde. O trenó já estava bem alto no céu.

O dia começava a clarear quando Papai Noel partiu de volta para o Polo Norte. Zezinho não sabia que seu presente não tinha sido entregue, pois ainda estava dormindo, sonhando que jogava futebol, prestes a fazer um gol.

Papai Noel, cansado, chegou em casa, sentou na cadeira ao lado da árvore e esqueceu de fechar a porta.

Quando começou a cochilar, um vento forte entrou pela porta, varrendo o chão, levantando tudo, inclusive a cartinha de Zezinho, que foi cair no colo do bom velhinho. Ele tomou um susto, pois achava que tinha lido todas as cartinhas e entregue todos os presentes.

Papai Noel ficou triste. Olhou para o céu e fez um pedido para o Sol, que já estava acordando:

“Oh, Sol, você que é todo-poderoso, que ilumina e aquece o mundo, fazendo germinar as sementes e brotar as flores, que traz alegria e colorido para a natureza, que rege todo o espaço celeste, por favor, feche os olhos e durma mais um pouquinho.”

“Preciso atender o pedido de um menino que tanto sonhou com o seu presente. Já estou muito velhinho, não enxergo direito e não vi que a cartinha dele tinha caído da minha árvore. Se você dormir mais um pouquinho, voarei em meu trenó para levar o presente do Zezinho. Por favor, Sol, me ajude a deixar mais uma criança feliz!”

O Sol ficou emocionado. Fechou os olhos e foi dormir mais um pouco.

Papai Noel pegou o presente, entrou em seu trenó e voou a toda velocidade. Os duendes Zenóbio e Zebrino pularam de alegria, pois Zezinho iria receber o seu presente.

Papai Noel chegou, entrou pela janela e colocou o presente ao lado do sapato do menino. Zezinho acordou gritando “Goool!!!” Ao perceber que estivera sonhando e que já tinha amanhecido o dia, pulou da cama e, muito contente, viu o presente. Uma linda bola de futebol oficial.

“Sou o menino mais feliz do mundo!”, gritou Zezinho. “Obrigado, Papai Noel, você é o maior! Vou fazer um gol muito bonito em sua homenagem!”

Papai Noel sorriu alegre, pegou seu trenó e voltou para o Polo Norte.

Os duendes Zenóbio e Zebrino colocaram Cristófo de castigo pelo que tinha feito. Ele só foi solto quando Papai Noel voltou. Pediu desculpa aos amiguinhos e prometeu nunca mais esconder nenhuma cartinha.

Zezinho jogou muito futebol e foi um menino que cresceu feliz.

. . .

Consuelo Pagani

Despertai!

...Despertai a Aurora
Em cada um de vós
...Despertai o Belo,
Desatai os nós...

Uni vossa mente
Ao vosso coração
E estrelas brilharão
À noite sombria

...Pois estrelas só cintilam
No âmago da noite
E nunca...
Ao raiar do dia...!

Vitória

Venço
Na dança do vento
No teu arrebento
No mar que explode
Que cai, recolhe
O meu infinito...

Penso
No nosso momento
E sai o tormento
De dentro de mim

Busco
Na lua de prata
No sol que afaga
A minha Poesia
E o meu frenesi
De encontrar
A Vida
...e a mim!...

Faz poesia desde a tenra idade. Ganhou o título de "Miniescritora 1970" com apenas 10 anos de idade. Foi premiada no 1º Concurso Literário da Asttter e publicou o livro infantojuvenil "A Viagem da Gotinha", selecionado pela Secretaria de Cultura do ES – Lei Rubem Braga. Três poemas de sua autoria integram a antologia "Cura Poética", incluindo as duas publicadas nesta página.